

O GÊNERO ORIENTAÇÃO DE MESTRADO: ESTUDO DE CASO RELATIVO AO PERÍODO DE ESCRITURA DO PROJETO DE PESQUISA DE UM MESTRANDO

Kelly Cristina MOLINARI – SILVA
(Universidade do Sul de Santa Catarina)

ABSTRACT: The present paper investigated a postgraduate student's research. The genre was investigated through the methodology of descriptive case study. In the theoretical foundations of the research were taken into consideration the notions of genre, the discursive community (Swales, 1990) and the system of activities (Bazerman, 2004). Six sessions were analyzed, recorded in audio, aiming to analyze the rhetorical organization of the genre, as well as the series of activities developed during the orientation of the research project. The results show that although there is rhetorical organization established for the genre, it varies according to the course of the research project. The activities developed during this period interact temporarily at four forces of interests: definition of the theme, determination of the methodology, review of first sketch of the project and the review of the subsequent versions. Specific activities done by the postgraduate student and by the counselor, thus the orientation works as a forum of review and planning of these activities.

KEYWORDS: genre, orientation of postgraduation, academic genre

1. Introdução

O gênero é entendido como ação social que ocorre na interação entre o escritor, o leitor, e o contexto de inserção. Segundo Martin (SWALES, 1990, p. 40), os gêneros são como as coisas são feitas, quando a linguagem é usada para realizá-las; eles variam de literário a outras formas não literárias: poemas, narrativas, exposições, palestras, seminários, receitas, manuais, marcação de compromissos, encontros de trabalho, difusão de notícias e assim por diante. O termo gênero textual, segundo Marcuschi (2002), é usado para se referir a cada um dos tipos de atividade lingüisticamente concebidos, os quais abrangem a maior parte de nossa cultura.

A presente pesquisa considerou um gênero textual específico: a orientação na pós-graduação *stricto sensu*. O estudo desse gênero revela-se importante à medida que lança luz sobre o modo como a escrita se constitui nos gêneros da academia, tais como o projeto de pesquisa, a dissertação, a tese, os artigos, as comunicações de congresso, etc.

Considerou-se nesta a orientação de mestrado durante o período de produção do projeto de pesquisa. Nesse caso, procura-se, além de auxiliar na explicação do gênero orientação, abordar dados sobre o modo como a escrita do projeto de pesquisa se constitui.

A pesquisa enquadra-se no campo das pesquisas sócio-retóricas; mais especificamente, segue a tradição dos estudos desencadeados por Miller (1984). Nesse trabalho seminal, a autora expõe duas considerações sobre o gênero textual como objeto de conhecimento que vieram a ter um forte impacto nas discussões relativas a esse tema.

Primeiramente, a autora propôs que o gênero fosse concebido como uma ação retórica recorrente. Ao propor essa concepção, Miller (1984, p. 28) desloca os estudos de gênero da forma para o conteúdo. Para ela, há vantagens explanatórias em se considerar os gêneros como classes abertas, pois a pesquisa ganha um cunho mais etnográfico¹ e contextualizado. Nesse ponto chega-se à segunda proposta de Miller (1984, p. 29). Ela acredita que o gênero surge em determinados ambientes sociais em decorrência da tipificação das situações retóricas. Nesse caso, a autora entende que o conhecimento deve ser visto como decorrente de

¹ Conforme Lüdke e André (1986, p. 24) a pesquisa etnográfica é um tipo de estudo qualitativo baseado na imersão do pesquisador no meio a ser estudado, a fim de observar e descrever a cultura do grupo ou etnia existente naquele meio.

tipos, na medida que, pelo estabelecimento e estabilização de categorias (as mais diversas), as pessoas organizam o seu cotidiano. O tipo é concebido, também, como um elemento social intersubjetivo, pois a sua existência decorre do compartilhamento de conhecimento entre atores sociais.

As duas propostas teóricas assumidas na presente pesquisa (de Bazerman (2005) e Swales (1990) incorporam esses postulados de Miller (1984), no sentido de que vêem a linguagem como resultado do modo como os diversos meios sociais se organizam e no sentido de que contemplam o conhecimento como tipificado pela recorrência e compartilhamento das experiências.

2. Referencial teórico

2.1 A Abordagem de Swales

O trabalho de Swales (1990, 1992) inter-relaciona duas noções: a de gênero textual e a de comunidade discursiva. Elas se complementam e se explicam mutuamente.

Para Swales (1990), o gênero é “uma classe de eventos comunicativos cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e, portanto, constituem a razão do gênero”. Esse conceito de gênero envolve necessariamente o contexto, pois os gêneros são constituídos por propósitos sociais que se concretizam através do discurso. O autor entende que “o texto deve ser analisado em seu contexto, no meio social no qual está inserido, e não simplesmente interpretado, entendido e analisado somente por elementos lingüísticos”. Para melhor explicitar, vejamos mais pormenorizadamente os dois elementos centrais de seu conceito de gênero textual: o evento e o propósito comunicativo:

- Evento comunicativo, Swales (1990) afirma que além do discurso, dos participantes, do papel do discurso e do ambiente de sua produção e recepção, ele se caracteriza também por suas associações culturais e históricas. Um evento comunicativo é o uso que as pessoas fazem da sua língua de um modo compartilhado para obter algo.
- O propósito comunicativo é o resultado que o falante/escritor espera obter, ao produzir um texto como evento comunicativo. Esse processo pode envolver textos orais ou escritos como, por exemplo, uma receita culinária (na qual o propósito é dar instruções a alguém para o preparo de um prato) ou um bilhete (mediante o qual um pai comunica, por exemplo, a razão de seu filho ter faltado à escola). Cabe ressaltar que, nessas situações, os textos têm propósitos sociais e são produzidos para ir ao encontro de eventos comunicativos onde os participantes estão engajados e em interação. Cada interação tem um propósito comunicativo diferente.

Embora centralizando seu conceito de gênero nesses dois aspectos, Swales também inclui em sua caracterização outros elementos. Para ele o gênero: a) apresenta um funcionamento prototípico quanto aos seus exemplares; b) traz implícita uma lógica própria no que tange à disposição do conteúdo e dos aspectos formais; e c) detém um nome em sua comunidade de origem.

O gênero, conforme o autor (1990) existe em uma comunidade discursiva, ou seja, em “um grupo sócio-retórico heterogêneo que compartilha objetivos e interesses ocupacionais ou recreativos”. Swales também caracteriza a comunidade discursiva através de uma série de atributos, no sentido de que elas devam ter: a) objetivos (por vezes, em disputa) de realização

de suas práticas; b) mecanismos de intercomunicação; c) mecanismos de participação; d) gêneros próprios; e) terminologia própria; e f) hierarquia explícita ou implícita.

O autor procede também uma distinção entre comunidade discursiva e comunidade de fala. Considera a primeira como unificada por dispositivos discursivos e retóricos (objetivos e práticas) e como não restrita a um local geográfico e a uma língua específica. A comunidade de fala, por outro lado, é vista por Swales como um agrupamento sociolinguístico onde as necessidades comunicativas do grupo (socialização e solidariedade) tendem a ser restritas a um local e a uma língua específica.

Para falar da ação realizada pelo gênero, Swales tomou a perspectiva dos estudos retóricos de Miller (1984); sendo que essa teorização se torna uma das principais orientações de seu trabalho.

Miller enfatiza como já vimos antes, que o estudo do gênero não deve ficar somente preso à forma do discurso e nem à substância, mas que precisa levar todos esses fatores em consideração. Isto significa enfatizar aspectos retóricos sociais e históricos.

A fim de ensinar produção textual e leitura de um modo contextualizado, Swales (1984) desenvolveu o modelo CARS (*create a research space*) para analisar a organização retórica² de introduções de artigos de pesquisa. Para o modelo, o autor lançou mão de dois conceitos: o de movimento/*movement* (grande ação retórica realizada no texto) e o de passo/*step* (sub-ação que realiza o movimento). Desse modo, em uma primeira versão, o modelo apresentou quatro movimentos: 1) Estabelecendo o campo de pesquisa (área em que se insere a pesquisa); 2) Sumarizando pesquisas prévias (faz referência a pesquisas já desenvolvidas); 3) Preparando a presente pesquisa (descreve a pesquisa, indicando objetivos, hipótese e métodos); e, finalmente, 4) Introduzindo a presente pesquisa (mostra aspectos relevantes na área desenvolvida).

2.2 Abordagem de Bazerman

Os gêneros são vistos, por Bazerman, a partir de sua situação histórico-cultural. No contexto social, ele vê os gêneros em sua existência dentro de sistema de gêneros, os quais fazem parte dos sistemas de atividades humanas.

Para o autor (2005, p. 25) “o gênero é uma categoria sócio-histórica sempre em mudança”. Os gêneros são reconhecidos pelos indivíduos de uma determinada comunidade não só por traços característicos, mas também pela recorrência no meio em que estão inseridos.

Para esse autor, cada texto corresponde a um ato de fala, no sentido de que ele se realiza mediante uma intenção e condições de finalidade específicas. Como proposto por Austin (1962 apud Bazerman, 2005, p. 25) “palavras não apenas significam, mas fazem coisas”; nesse caso, o texto em si, via gênero, também é o modo de agir sobre o mundo, podendo ser entendido como um ato de fala complexo.

Bazerman (2004, p. 32) também lança mão de um outro termo, o de *conjunto de gêneros*: “a coleção de tipos de textos que uma pessoa num determinado papel social tende a produzir”. Para ele, os *sistemas de gêneros* são “os diversos conjuntos de gêneros utilizados por pessoas que trabalham juntas de forma organizada, e também as relações padronizadas que se estabelecem na produção, circulação e uso desses documentos”. O autor ressalta que a organização social e as atividades de cada área têm influência na estrutura do gênero, ou seja, que há diferenças entre os sistemas de atividades de cada área.

² Swales (1990) entende a organização retórica como sendo o modo como o texto realiza propósitos comunicativos.

3. Metodologia

O aluno de mestrado se depara com vários gêneros textuais durante a construção de seu projeto de pesquisa, dentre eles, o gênero textual oral “orientação de mestrado”, do qual participa juntamente com orientador. Na consideração do objeto de estudo da presente pesquisa, faz-se uso de uma metodologia de pesquisa qualitativa, realizando-se um estudo de caso descritivo. A investigação foi feita com base em material coletado relativo à interação entre dois analistas do discurso, um aluno de mestrado em fase de dissertação e seu professor orientador. As sessões específicas de orientação foram gravadas em áudio e transcritas.

3.1 Questões e objetivos da pesquisa

Passo agora para as questões e objetivos da pesquisa. A pesquisa pretendeu, principalmente, responder:

- Como a orientação de mestrado funciona como gênero textual e atividade no processo de construção do projeto de pesquisa de um mestrando?

De modo secundário, pretendeu responder:

- Como a orientação de projeto de pesquisa no mestrado se organiza?
- Quais atividades tomam parte na orientação do início até a versão final do projeto de pesquisa?

Neste sentido, pretendeu-se alcançar o seguinte objetivo: Levantar e analisar os dados relativos ao processo de orientação de um mestrando durante o período da produção de seu projeto de pesquisa. Esse objetivo foi subdividido em dois outros:

- Levantar a organização retórica das seções de orientação;
- Levantar o encadeamento das atividades desenvolvidas durante a orientação do projeto de pesquisa.

3.2 Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos participantes da pesquisa são um aluno de mestrado e um professor orientador. O campo de pesquisa do orientador é a Análise do Discurso, de modo que o projeto e as discussões durante a orientação se atêm a esse campo.

O mestrando na época da coleta tinha 28 anos, e graduou-se em letras/português-inglês, em 2001. Atua com ensino de inglês na educação básica desde 1998. Sua experiência acadêmica inclui a graduação e uma especialização em Metodologia e Didática do Ensino Superior, realizada em 2003 e 2004.

O orientador tinha 44 anos na época da coleta, e graduou-se em direito, em 1990. Tem mestrado e doutorado em letras/inglês e literaturas correspondentes, concluídos em 1995 e 2000 respectivamente. Sua experiência acadêmica inclui, entre outros, a publicação de diversos artigos e capítulos de livros, orientação, e inúmeras participações em congresso.

3.3 Corpus

O *corpus* da presente pesquisa constituiu-se de seis sessões de orientação. Todas as orientações ocorreram nas instalações do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Unisul, durante o primeiro semestre de 2005.

A interação entre orientador e orientando foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas. Na transcrição, utilizaram-se as notações específicas da análise da conversação, conforme Marcuschi (2003). Embora tenham sido utilizadas estas categorias para organizar o *corpus*, a análise da conversação não é objeto de discussão nesta pesquisa, de modo que não são feitas aqui maiores explicações teóricas a este respeito.

3.4 Procedimentos de Análise

O gênero foi investigado e sustentado teoricamente pela metodologia de *estudo de caso descritivo*. Segundo Leffa (2006):

Descritivo: “Não procura estabelecer relações de causa e efeito, mas apenas mostrar a realidade como ela é, embora os resultados possam ser usados posteriormente para a formulação de hipóteses de causa e efeito”;

Para investigar o processo de construção deste gênero a metodologia de estudo de caso descreve e mostra profunda e exaustivamente o desencadeamento das várias atividades que fazem parte de um determinado evento comunicativo. Esta metodologia, portanto, é indutiva, feita a partir de observações empíricas, dando-se a real importância à interação entre os dados e a análise.

O material coletado foi analisado em duas etapas. Na primeira delas, com base em Swales (1990), foi realizado o levantamento da organização retórica do gênero. Essa etapa consistiu, basicamente, na comparação entre os textos (cada orientação) para se determinar quais movimentos e passos ocorriam e em que ordem.

A segunda etapa consistiu-se em um levantamento das atividades executadas durante a orientação. Procurou-se, com base nos postulados de Bazerman (2005), identificar as atividades e o modo como elas se encadeiam durante a construção do projeto de pesquisa. Convém salientar, no entanto, que as atividades somente foram consideradas a partir do *corpus* em questão (as sessões de orientação), não havendo nenhum tipo de trabalho etnográfico.

4. Análise dos dados

Analisando os dados coletados, com vistas a responder às questões expostas no capítulo 3. Na primeira seção deste capítulo, são feitas considerações em relação à organização retórica do gênero em estudo. Na sequência, são consideradas as fases do processo de orientação e sua relação com a organização retórica do gênero orientação de mestrado. Na última seção, por fim, são consideradas as atividades que compõem o processo de construção do projeto de pesquisa e, portanto, a relação entre atividades e fases do processo de orientação.

4.1 A organização retórica do gênero orientação de mestrado

Apresenta-se, aqui, através da concepção de gênero de Swales (1990), a organização retórica de uma sessão de orientação.

O gênero orientação de mestrado, conforme se levantou nos dados, é composto por quatro movimentos retóricos e por dez estratégias retóricas (passos). Os movimentos podem ser definidos da seguinte forma:

- *Movimento I - produzir sintonia*: Inicia-se com dois passos: um, as saudações e dois, as conversas sobre assuntos triviais que podem ocorrer..

- *Movimento II - iniciar a orientação*: Expõe-se o tema da orientação, retomando a orientação anterior. Pode-se considerar uma das partes mais importantes da sessão de orientação. Neste caso é o objetivo preliminar da orientação que norteará o desencadeamento dos demais movimentos. Movimento em que E2 participa, pois neste caso o orientando trará suas dúvidas.

- *Movimento III - desencadear a orientação*: Neste movimento são encontrados três passos: o primeiro passo é revisar as tarefa/s negociada/s nas orientações anteriores, pelo mestrando. O segundo passo é discutir aspectos teóricos e/ou metodológicos do estudo. Finalmente, o terceiro passo deste movimento, é a conversa sobre assuntos triviais.

- *Movimento IV - concluir a orientação*: No quarto e último movimento negociam-se tarefas a serem executadas até a próxima orientação, determinam-se resultados da sessão ou do processo da pesquisa em que O/M participam e, para o fechamento deste movimento, conversa-se sobre assuntos triviais e saúda-se um ao outro.

Agora mostra-se o modo como os passos se organizam e se caracterizam em cada movimento (dentro da organização retórica).

O Movimento I é constituído de dois passos. O primeiro deles (MI- I: saudar um ao outro). Exemplo 1 abaixo³.

(1)

M:... bom dia!

O: a gente tinha combinado”

M: isso ta gravando também’

A2: ta, ta gravando’

M: no final’...

O segundo passo (MI-II: conversar sobre assuntos triviais) pode ser conferido no seguinte trecho:

(2)

M: ta com imagem também!”

O: não, eu estou trabalhando com cirurgia plástica. Eu trabalhei também com cirurgia plástica, uma construção identitária corporal que você escolhe”é tem a cirurgia plástica (incompreensível) e tem as plásticas é:: (++) práticas (incompreensível) que são essas aí de transformação do corpo” isso é outra coisa”

M/O: ((risos))

M: ela mandou, ela mandou uma mensagem’ a::: professora esta liberada já, mas não exagere muito” que eu fico com ciúmes.

Este movimento retórico é o elo de sintonia entre M (mestrando) e O (orientador), quando ambos se cumprimentam e falam sobre assuntos diversos. Esse fenômeno da interação

³ Como os movimentos são bastante extensos, estão sendo apresentados como exemplos apenas fragmentos representativos.

verbal na oralidade já é apontado por Goffman (1979) e consiste em uma fase de descontração antes de se começar um assunto sério. Pode se comparar essa situação com a ida a uma consulta médica. No momento em que a pessoa entra no consultório, ela não vai declarando tudo que está acontecendo consigo de imediato. Ambos, médico e paciente, se cumprimentam e, geralmente, se o/a paciente já tem algum grau de amizade com o médico, pergunta como está, ou se a família vai bem ou até mesmo fala sobre o tempo lá fora e, então, inicia-se a consulta. No movimento acima a professora se encontra no computador, o aluno chega, ambos conversam para, em seguida, haver o início da orientação.

O Movimento II é constituído de um único passo (MII-I: retomar a orientação anterior). Nesse momento, o mestrando traz suas dúvidas, se vai ou não continuar com seu projeto anterior. No exemplo 3, verifica-se:

(3)

M: então professora, eu não sei?"

O: ((risos)) se tu não sabe, como é que eu vou saber, Mestrando?"

M: por que havia aqui ó" quero

aqui ó, não eu não fiz nada, reformulado...'

o que eu mudei

O: a:::: ta

você esta com o mesmo projeto'

O: a ta

M: projeto

mas então eu botei umas citações sabe por que /.../

O: não, o mesmo do ano passado, o tema de novo" reformulei o ano passado e tentei agora de novo, mas mudei pouquíssima coisa

M: isso não é um fator relevante /.../ se você terminar aqui você pode apresentar lá também.

O: deixe eu pensar aqui, eu não me lembro mais. Não me lembro mais do que se tratava'

você tinha falado, era representação do professor no livro didático, não é

alguma coisa assim'

ta bom, certo " então é os manuais...

O Movimento III é constituído de três passos. O primeiro deles (M III-I: Revisar tarefa/s negociada/s anteriormente) é exemplificado abaixo.

(4)

O: eu acho que ainda que você fica só no:::/ vamos, espera, os seus informantes vão dizer/ mas eu acho que ainda que se você ficar só no catálogo, catálogo tem uma/ é muito rico/ e aí você mandou aqueles e-mails para as editoras'

M: mandei

O: então o que elas disseram, não veio nada ainda'

M: ainda não"

O segundo passo desse movimento (MIII-II: Discutir aspectos teóricos e/ou metodológicos do estudo) pode ser definido como sendo o momento em que orientador e mestrando voltam-se para discussões do desenho da pesquisa e das escolhas feitas em termos

dos conceitos e teorias. Esse passo aparece principalmente quando ambos começam a delimitar o objeto de pesquisa.

(5)

O: eu acho que é uma coisa interessante. Mais aí, Mestrando é::: o catálogo é grande, como é que você vai fazer”, você vai escolher alguns livros, não tem nenhuma idéia!”.

M: não sei, não sei se vou trabalhar com várias editoras, só livros de português, só livros de inglês, não sei ainda, porque é muita coisa, vamos supor aqui, Scipione, Saraiva, FTD, Ática, é::: (++) Scipione’

O terceiro passo, como no exemplo 6, (MIII-III: Conversar sobre assuntos triviais), não é propriamente um passo, pois não é uma estratégia retórica intencional. Ele ocorre nos momentos em que o foco da sessão é deixado de lado ou quando o entram em cena assuntos relacionados mas distantes do foco da sessão. Nos primeiros casos, apresenta a função de relaxamento, nos segundos, a ampliação do foco (assuntos mais amplos tais como situação do ensino de inglês).

(6)

M: (incompreensível)

O: acredito que não Mestrando, porque se tiver /.../ quando tem qualquer tipo de manutenção, gera um engarrafamento mostro’, aquela época que o Lula esteve aqui, lembra que deram uma recauchutada em alguns buracos e::: gerou bastante engarrafamento, mas comigo não vi nada, hoje eu não vi nada. Já ta previsto pra começar?”

M: na semana que vem’

O Movimento IV é constituído de quatro passos, mas os mais importantes são os passos I e II, pois nestes momentos são “negociadas tarefas a serem executadas” e “determinados os resultados da sessão ou do processo da pesquisa”. Já os passos III (Conversar sobre assuntos triviais) e IV (Saudar um ao outro) dizem respeito ao encerramento da sessão. Uma visualização desses passos pode ser obtida nos exemplos que vão de 7 a 10.

(7)

M: ó, não entra!”.

O: ((riso)), e agora, o que a gente tem?”(+++) aí tem esse outro aqui ó” esse que eu achei mais interessante, ó próximo/ falei da Bárbara, que você pode pegar diretamente por intercâmbio e o da Lúcia e a Eliana você vai ter que olhar no::: Lattes se você conseguir, coloca aí Cnpq, você sabe com é no Lattes, aí no Lattes, você vai ver os nomes das publicações e aí vendo os nomes, tem como achar. Então eu acho que se você conseguir pelo menos uns dois artigos já te daria um pontapé inicial (++)

(8)

O: eu acho que o José tem alguma coisa, em casa tem alguma coisa também, pra você ler, esclarecer suas idéias, para você ter um entendimento de que campo ele se trata da linguagem de trabalho, porque eu acho que na sua cabeça deve estar bem confuso, a linguagem e trabalho e a linguagem e educação’

M: muito”

O: ta confuso’, então você vai ter que limpar um pouco essa tua noção/ a::: então é isso?”tem um outro por exemplo (+++)

(9)

O: por que eu pessoalmente, Mestrando, é::: se eu tivesse trabalhando no ensino é::: médio, fundamental eu proporia trabalhar só/ porque acho que a leitura é prazerosa para o aluno. Faria uma aula bem legal e traria resultados bons, pelo menos as minhas disciplinas de leituras/.

M: dia 1º

O: mas então Mestrando é eu acho que a leitura dá um resultado muito melhor/

(10)

O:...se quiser ir indo Mestrando, pode ir, ta, não vou te prender'

M: aquele negócio aqui'...

De modo geral, nas cinco sessões gravadas, é possível perceber a ocorrência de todos os passos (quadro 7). Cabem aqui 3 linhas de conclusão. Primeiramente, é importante notar que os passos fáticos (de início e conclusão da interação) somente aparecem uma vez cada no corpus coletado. Isso se deve ao fato de que o início e o final do registro nem sempre coincidem com o início e fim das interações. Muito provavelmente, em outra forma de registro, esses passos ocorreriam em todas as sessões.

Tabela 1 - Ocorrência dos passos nas sessões de orientações analisadas.

MOVIMENTOS E PASSOS:	SESSÕES						TOTAL
	1	2	3	4	5	6	
<u>MOVIMENTO I - PRODUZIR SINTONIA</u>	-	-	-	-	-	-	-
Passo I - Saudar um ao outro	-	-	-	X	-	-	1
Passo II - Conversar sobre assuntos triviais	X	-	X	-	X	X	4
<u>MOVIMENTO II – INICIAR A ORIENTAÇÃO</u>	-	-	-	-	-	-	-
Passo I - Retomar a orientação anterior	X	-	-	-	-	-	1
<u>MOVIMENTO III - DESENCADEAR A ORIENTAÇÃO</u>	-	-	-	-	-	-	-
Passo I - Revisar tarefa/s negociada/s anteriormente	-	-	X	-	X	X	3
Passo II - Discutir aspectos teóricos e/ou metodológicos do estudo	X	-	X	X	-	-	3
Passo III - Conversar sobre assuntos triviais	X	-	X	X	X	X	5
<u>MOVIMENTO IV - CONCLUIR A ORIENTAÇÃO</u>	-	-	-	-	-	-	-
Passo I - Negociar tarefa/s a serem executadas	X	-	X	X	-	-	3
Passo II - Determinar resultado/s da sessão ou do processo da pesquisa	X	-	X	-	X	-	3
Passo III - Conversar sobre assuntos triviais	-	-	X	X	-	-	2
Passo IV - Saudar um ao outro	-	-	-	X	-	-	1

O segundo aspecto que precisa ser ressaltado aqui é o fato de que há uma grande ocorrência dos passos relativos à “conversa trivial”. Ocorrem nos momentos em que o foco da sessão é deixado de lado. Eles compõem-se de assuntos mais e menos distantes do foco da seção. No caso dos primeiros, apresentam a função de relaxamento, no caso dos segundos, de ampliação do foco (assuntos mais amplos tais como situação do ensino de inglês).

Cabe ressaltar, por último, o modo como os passos 1 e 2 do movimento 3 funcionam. O movimento 3 é o centro da orientação como evento comunicativo, pois é nesse momento que o objetivo do gênero é realizado. Como se trata de realizar uma pesquisa e escrever um relato, os passos 1 (revisar tarefa/s negociada/s anteriormente) e 2 (discutir aspectos teóricos e/ou metodológicos do estudo) tornam-se marcantes. Eles dominam boa parte da sessão de orientação. É importante notar aqui, portanto, o modo como eles progridem ao longo das 6 sessões registradas. No início (sessões 1-4) ocorre somente o passo 2, pois é o momento em

que estão sendo determinados o objeto e a metodologia da pesquisa. Posteriormente (sessões 3-6), ocorre somente o passo 1, pois é o momento em que se torna mais importante ver como o relato está sendo feito (se o projeto em fase de escritura espelha as discussões feitas nas primeiras sessões).

5.1 Fases do processo de orientação e sua Relação com a organização retórica do gênero

A análise das sessões de orientação revelou um processo nos quais determinados elementos vão tomando o foco principal. Embora o objetivo geral da orientação permaneça o mesmo (realizar uma pesquisa e seu relato), as sessões específicas vão ganhando objetivos próprios, à medida que o processo avança. Nesse sentido, foram identificadas 4 fases, que podem ser descritas da seguinte forma:

I – determinação de campo e objeto (orientações 1 e 2): o mestrando deseja estudar algo relacionado ao ensino de inglês (possivelmente em relação ao modo como o professor vê o material didático); a professora procura aproximar o mestrando de seu campo de pesquisa e interesses (não procura mudar o tema, mas deixar claro qual é sua área e metodologia de pesquisa, negociando um objeto compatível com essa área e, ao mesmo tempo, com os interesses do mestrando); a professora procura exemplificar possibilidades de objetos dentro da ACD;

II – definição da metodologia (orientação 3): quando o objeto já está mais ou menos negociado (pois há ainda uma troca de folder para catálogo na terceira orientação), ambos procuram determinar a metodologia;

III – esboço do projeto (orientação 4): o projeto é esboçado e a revisão desse esboço ocorre, em uma fase ainda bastante pontuada por discussões teórico-metodológicas;

IV – textualização (orientações 5 e 6): nessa fase já há comentários pontuais em relação ao texto; as discussões teórico-metodológicas passam a pano de fundo.

A fase I é evidenciada através do seguinte trecho de fala:

(11)

O: deixe eu pensar aqui, eu não me lembro mais. Não me lembro mais do que se tratava'

o: você tinha falado investigação do professor no livro didático, não é alguma coisa assim'

ta bom, vamos lá''

M: ele tem uma linguagem muito técnica'

a gente vai fazer isso mesmo isto mesmo'' *Headway*''

O: *Headway*, você conhece esse material, conhece esse material''

M: conheço'

O: os livros já compõe os textos'

M: os materiais que já vem extras e tem materiais que vem separados'

O: agora eu não tenho os nacionais, eu não comprei'

M: educação básica, então da pra você também, esses que eu não tenho contato.

O: então existe um livro para o aluno, um para o professor e que são diferentes e o manual'

M: não, alguns tem manual outros'

O: [outros não tem manual, já estão ali juntos'

M: na verdade tem alguns que tem as três coisas nele, o manual, tem o livro do professor, o que é o livro do professor” é um livro igual do aluno /.../ tem a resposta’ diga professora, no próprio corpo do livro didático’

O: livros, material nacional e importado’

M: A maioria nacional, Ática, Saraiva etc. e tal’

O: então qual a questão que interessa nisso”

M: qual o problema aí” eu não sei também’ eu acho’ eu penso que essa linguagem que está sendo usada nesse material’ nesse o professor /.../ pra ele está escrito de uma maneira confusa’ de uma maneira arbitrária né’ faça isso’ agora pede pras crianças fechar o livro /.../ inclusive’ feche o livro’ abre o livro’

O: seria imperativo!”(anexo A, turnos 9-25)

Nesse trecho, mestrando e orientadora procuram visualizar o objeto e as questões da pesquisa. Vejamos outro trecho em que a orientadora procura contextualizar o mestrando quando ao campo da pesquisa em que ela trabalha (exemplo 12).

(12)

O: análise de discurso a princípio pode analisar qualquer tipo de discurso’

M: certo”

O: não há nenhum impedimento’ que se trabalhe com o discurso /.../, discurso do livro didático, acho que isso não é o problema. O que eu gostaria principalmente na (incompreensível) é de encontrar questões que tivessem interesse de pesquisa mais próximo dos meus. Mas é um interesse meu, pessoal. Acho que como pesquisadora a gente pode produzir um trabalho que é mais é::é amarrado teoricamente que dá pra trabalhar em grupos, que da pra fazer um trabalho mais produtivo, e eu pessoalmente não trabalho com formação de professores. (anexo A, turnos 27-29)

A fase II, por sua vez, pode ser visualizada no seguinte trecho:

(13)

O: ah, tá (+++)

mas você continua com aquela idéia de trabalhar como os catálogos nacionais (++) porque esses aqui são catálogos estrangeiros”

M: não”

O: você mudou aquela idéia?”

M: não, peraí, isso aqui é estrangeiro, os outros são nacionais’

O: a ta, isso aqui é só pra ilustração’

M: e, é”

O: mas a minha pergunta continua. Você continua com a idéia de trabalhar com aquele da Ática, da::

M:... da abrangência deles vou ter ou mais abrangente, porque a Ática/ trabalho de português e inglês. (Anexo C, turnos 182-189)

Nesse momento, mestrando e orientadora procuram pensar qual será o tipo de coleta e o tamanho da amostra.

Na fase III, mestrando e orientadora procuram construir um esboço do projeto de pesquisa. Nesse momento, o desenho da pesquisa ainda está em discussão, embora as linhas gerais já tenham sido determinadas.

(14)

O: tá aqui ó. Verificar a linguagem utilizada em materiais promocional pode mascarar informação dos materiais em questão /.../ não, isso aqui não tem como. Como é que você vai investigar isso, você não está trabalhando com o professor, logo o professor adquiri um material que não atenda suas perspectivas que não estejam de acordo com a informação que foram dadas por catálogos, como você vai fazer isso!

M: é'

O: não tem como fazer isso, o que você vai ver é (++) investigar é:: as estratégias discursivas de convencimento de manipulação que ocorrem nesses materiais, alias, agora pelos professores boas, entendeu, então isso aqui você tem/ eu vou riscar/ aqui tem que repensar ta, por quê você não pode colocar nada sobre, você está agora supondo que esses materiais tem um /.../ essa posição é correta, agora se você vai investigar não é esse o trato /.../ é como as editora constroem essas estratégias /.../ isso aqui que você falou' (Anexo D, turnos 166-168)

Na fase IV, finalmente, orientadora e mestrando partem para a escrita das primeiras versões do projeto. Nesse momento do processo, a orientação é tomada pela atividade de revisão das versões, de modo que toma o centro da atenção a discussão dos aspectos relacionados à textualização (qual é a melhor forma de dizer algo e se há incompletude de informações). Vejamos como isso se mostra no exemplo 15.

(15)

M: Umberto Eco, e essa (incompreensível) tem que deixar'

O: então, tá'

M: (incompreensível)

O: se você acha importante deixar, tu deixa, mas você tem que colocar uma coisa dos anos 90 e pelo menos uma referência já do 3º milênio, porque senão fica, e é uma discussão que é bem atual, não é possível que, nem que seja entrando na INTERNET que você não acha''

M: não, com certeza, eu tenho muita'

O: trabalho sobre a linguagem publicitária. Essa aqui eu acho que você teve um salto muito grande, ta, você tem que dizer aqui, eu te sugeri o seguinte: colocar aqui, aqui você vai, vai dizer os principais temas que tem ser discutido.

M: que tem que ser discutido'

O: sempre lembrando aquela organização de pirâmide invertida, ou seja, (+++) você vai mais geral para o mais específico, quando, o foco é aqui, ta; então você fala a literatura sobre o livro didático, ta aqui em cima, mais vários exemplos, aí você vai achar /.../ procurar trazer ao máximo pra tua área. Se você puder encontrar algum material que se aproxima de sua área' (Anexo E, turnos 80-87)

Tabela 2 – Ocorrência e números de turnos ocupados por passos.

FASE I		FASE II	FASE III	FASE IV	
Sessão 1	Sessão 2	Sessão 3	Sessão 4	Sessão 5	Sessão 6
M I-2 (1)	-	M I-2 (1 ao 9)	M I-1 (1 ao 5)	M I-2 (1 ao 41)	M I-2 (1 ao 21)
M II-1 (1ao 9)	-	M III-1 (10 ao 57)	M III-2 (6 ao 46)	M III-1 (41 ao 319)	M III-1 (22 ao 207)
M III-2 (10 ao 324)	-	M III-2 (58 ao 218)	M III-3 (47 ao 60)	M III-3 (320 ao 353)	Interrupção (200)
M III-3 (324 ao 328)	-	M III-1 (218 ao 235)	M III-2 (60 ao 150)	M III-1 (354 ao 555)	M III-3 (208 ao 215)
M IV-1 (329 e 330)	-	M III-2 (236 ao 301)	M III-3 (150 ao 166)	M IV-2 (556 ao 560)	M III-1 (216 ao 355)
-	-	M III-3 (302 ao 321)	M III-2 (166 ao 197)	-	M III-3 (356 ao 394)
-	-	M IV-1 (322 ao 352)	M III-3 (198 ao 234)	-	M III-1 (394 ao 584)
-	-	M IV-3 (353 ao 433)	M III-2 (234 ao 262)	-	M III-3 (585 ao 592)
-	-	M IV-1 (433 ao 444)	M III-3 (263 ao 305)	-	M III-1 (592 ao 601)
-	-	M IV-2 (445 ao 503)	M III-2 (305 ao 388)	-	M III-3 (602 ao 614)
-	-	M IV-1 (504 ao 520)	Interrupção (383)	-	M III-1 (614 ao 658)
-	-	M IV-2 (521 ao 586)	M III-3 (389 ao 457)	-	-
-	-	M IV-1 (587 ao 598)	M III-2 (457 ao 488)	-	-
-	-	-	M IV-1 (488 ao 567)	-	-
-	-	-	M IV-3 (568 ao 587)	-	-
-	-	-	M IV-1 (587 ao 607)	-	-
-	-	-	Interrupção (602)	-	-
-	-	-	M IV-1 (607 ao 734)	-	-
-	-	-	M IV-3 (735 ao 740)	-	-
-	-	-	M IV-1 (740 ao 770)	-	-
-	-	-	M IV-4 (770 ao 771)	-	-

Como foi dito anteriormente, a ocorrência dos passos tem estreita relação com a fase do processo de orientação. Na tabela 3 podemos observar o modo como esse processo se dá.

Inicialmente, pode-se observar que, quanto ao número de turnos empregado em cada passo, o movimento III é dominante na orientação. Isso se justifica devido ao fato de que é nesse movimento que os objetivos da orientação se realizam.

A segunda constatação é a de que, a medida que o processo de orientação progride, o movimento III deixa de ser marcado pelo passo 2 (discutir aspectos teóricos e/ou metodológicos do estudo), tomando esse lugar o passo 1 (revisar tarefa/s negociada/s

anteriormente). Pode-se notar que, nas primeiras sessões, os passos 2 e 3 se alternam, enquanto, nas últimas, essa alternância se dá entre os passos 1 e 3. Cabe lembrar aqui, novamente, que o passo 3 não realiza objetivos da orientação, sendo, portanto, secundário em sua caracterização. A conversa trivial permeia a maior parte dos gêneros da interação oral.

5.2 Atividades e gêneros na orientação de projeto de pesquisa

Vários gêneros giram em torno do projeto de pesquisa, dentre eles, a própria introdução do projeto, o resumo, o abstract, a orientação, a defesa de projeto. Alguns fazem parte diretamente do projeto de pesquisa, outros não, mas estão interligados com o processo.

Nesta seção, são abortados alguns resultados relativos ao encadeamento de atividades e gêneros relativos ao projeto de pesquisa, vistos a partir dos dados obtidos nas sessões de orientação. No quadro 8, podemos observar as atividades que são perceptíveis nas orientações analisadas e o modo como elas se relacionam com as fases da orientação e com gêneros específicos.

ORIENTAÇÃO	FASE	ATIVIDADES	GÊNEROS
1 2	I: definição do tema; determinação da área; determinação do objeto	1 - coletar bibliografias via Internet e biblioteca 2 - coletar materiais das editoras para a análise 3 - analisar materiais, livros didáticos, língua inglesa e língua portuguesa, de editoras nacionais	1 - site, lista de referências, artigo acadêmico, revista científica, ficha catalográfica 2 - catálogos e fólderes promocionais 3 - livro didático, lista, tabela, quadro
3	II: determinação da metodologia	4 - coletar bibliografias, via internet e biblioteca 5 - elaborar questionários para editoras sobre o material de divulgação 6 - elaborar questionários para professores, de como eles adquirem ou entram em contato com os livros didáticos 7 - escrever esboço do projeto	4 - igual ao item 1 5 - questionário 6 - questionário 7 - projeto
4	III: revisão do primeiro esboço do projeto	8 - coletar bibliografias, via internet e biblioteca 9 - Buscar discursos empresariais 10 - Pesquisar as escolhas gramaticais utilizadas nos textos de língua inglesa e suas funções sociais 11 - revisar o primeiro esboço do projeto 12 - analisar projetos feitos por outros alunos do mestrado	8 - igual ao item 1 9 - catálogos, fólderes, revistas, cartilhas 10 - livro didático, lista, tabela, quadro 11 - projeto, compêndio, artigo 12 - projeto
5 6	IV: revisão de versões do projeto	13 - analisar e corrigir as alterações feitas pelo professor 14 - revisar as versões do projeto	13 - projeto 14 - projeto

Quadro 8 – Descrição das fases e atividades envolvidas nos processos de construção do projeto de pesquisa.

Cabe observar, inicialmente, que as atividades apresentam estreita relação com as fases da orientação, uma vez que nas primeiras seções são mais dispersas, centrando-se na questão teórico-bibliográfica. Nas últimas seções, as atividades já se centram no projeto.

Uma primeira distinção que se pode fazer é a de atividades internas e externas à seção de orientação. Fazer pesquisa bibliográfica, nesse caso, seria externa e revisar o esboço do projeto, interna.

Pode-se pensar também que a própria orientação constitui-se em uma das atividades realizadas no sentido de se construir o projeto de pesquisa. Nesse caso, teríamos um outro tipo de categorização que comportaria as seguintes categorias: atividades do mestrando (produzir o esboço do projeto, por exemplo), atividades do professor (produzir *feedback* em relação ao esboço lido, por exemplo) e atividades mútuas (determinar os pontos deficitários e alternativas para a continuação do processo de escrita do projeto).

A figura 1 é uma tentativa de determinar o modo como as atividades em torno do projeto se encadeiam e qual é o papel na orientação nessa rede. Nela foram mapeadas as atividades do mestrando e da orientadora na ordem em que elas ocorrem.

Pode-se perceber nesse fluxo de atividades que a orientação assume um papel central. Muito embora outras formas de interação possam, por vezes, ter um papel similar (como as trocas de e-mails e demais tipos de correspondência), ela se apresenta como o momento em que os maiores problemas do processo são discutidos e solucionados.

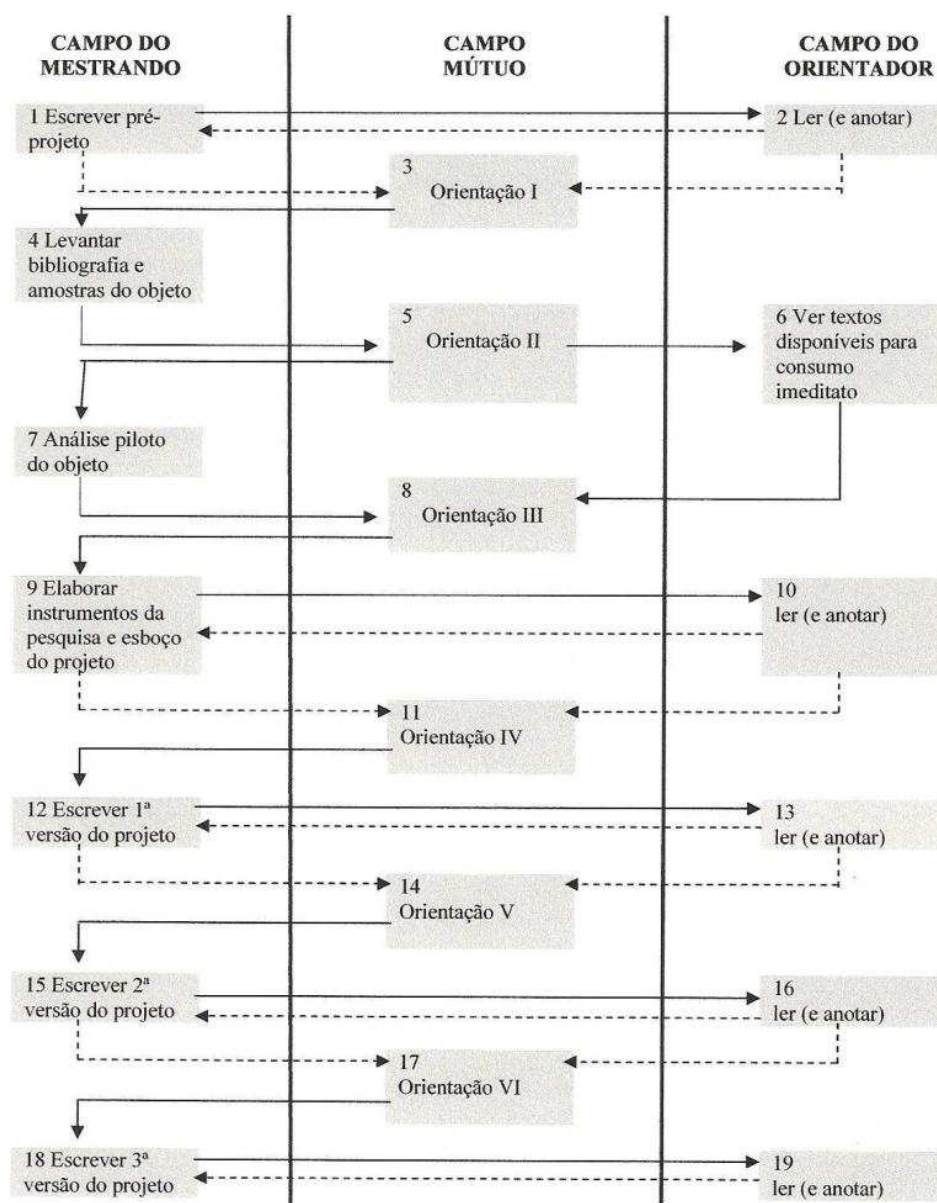


Figura 1 – Sistema de atividades do projeto de pesquisa.

6. Considerações finais

A questão central foi explicar como o gênero oral orientação de mestrado funciona e se organiza como gênero textual e atividade do processo de construção do projeto de pesquisa de um mestrando.

O gênero orientação de mestrado, conforme levantou-se na presente pesquisa, é composto por elementos que o organizam retoricamente. Foram detectados quatro movimentos retóricos e dez passos (estratégias retóricas distintas).

Esses movimentos e passos são recorrentes e essenciais, pois a função do gênero é planejar, direcionar e esboçar uma pesquisa. Entretanto em algumas sessões não há a presença de todos os passos, pois alguns são mais frequentes do que outros. Então, sem evidenciá-los e analisá-los não seria possível afirmar nada sobre o gênero.

Além dos movimentos e passos que dão forma ao gênero orientação de mestrado, as atividades também fazem parte dele, pois sem as atividades não há a construção do gênero. O orientador sugere as atividades que o mestrando deverá realizar como, no caso da orientação analisada: coletar bibliografias via internet e biblioteca, coletar materiais das editoras para a análise, analisar materiais, livros didáticos, elaborar questionários para editoras sobre o material de divulgação, elaborar questionários para professores, escrever esboço do projeto, buscar discursos empresariais, pesquisar as escolhas gramaticais utilizadas nos textos de língua inglesa e suas funções sociais, revisar o primeiro esboço do projeto, analisar projetos feitos por outros alunos do mestrado, analisar e corrigir as alterações feitas pelo professor e finalmente revisar as versões do projeto. Através das atividades levantada nestes movimentos e passos foram delineadas as etapas do processo de construção do projeto.

A união dos gêneros e as atividades que constituem este gênero podem também ser definidas como uma ação em zigue-zague. Nesta pesquisa analisada, o zigue-zague vai do campo do mestrando para o campo mútuo, do mútuo para o campo do orientador. É esse vai e vem que dará a forma da organização retórica do gênero em questão.

Referências

- BAZERMAN, C. *Shaping written knowledge: the genre and activity of experimental article in science*. Madison, WI: University of Wisconsin Press, 1988.
- _____. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Org. por Angela P. Dionísio e Judith C. Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.
- BONINI, A. Metodologias de ensino de produção textual: a perspectiva da enunciação e o papel da psicolinguística. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 23-47, 2002.
- _____. Gênero textual e prática discursiva no ensino-aprendizagem. 2004. Inédito.
- _____. A relação entre prática social e gênero textual: questão de pesquisa e ensino. 2004. Inédito.
- GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolinguística interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre: AGE Editora, 1998 [1979].
- LEFFA, V. J. Aprendizagem de línguas mediada por computador. In: _____. (Org.). *Pesquisa em Linguística Aplicada: temas e métodos*. Pelotas, RS: Educat, 2006.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003. (Princípios)
- _____. Gêneros textuais: definição e funcionalismo. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MILLER, C. R. Genre as social action. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (Eds.). *Genre and the new rhetoric*. London: Taylor & Francis, 1994 [1984]. p. 23 - 42.

- _____. Rethorical community: the cultural basis of genre. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (Eds.). *Genre and the new rhetoric*. London: Taylor & Francis, 1994. p. 67 - 78.
- SWALES, J. M. **Genre analysis**: English in academic and research settings. New York: Cambridge University Press, 1990.
- _____. Re-thinking genre: another look at discourse community effects. In: *Rethinking Genre Colloquium*. Ottawa: Carleton University, 1992.
- _____. *Research genres*: explorations and applications. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.